

LACTICOOP

Boletim Informativo dos Cooperantes





Serviço de Manutenção Permanente
24h/dia, 7 dias por semana
Em todo o País

Telefone: .. 234 590 320
Telefax: .. 234 590 321
E-mail: ..rodasa@rodasa.pt



Editorial

É com enorme preocupação que assistimos à escalada dos preços dos fatores de produção nas nossas explorações leiteiras e simultaneamente a um agravamento dos custos de transporte e processamento industrial sem o correspondente e necessário ajustamento dos preços dos produtos lácteos em Portugal.

No momento em que a economia do País tem vindo a dar sinais claros de recuperação da crise económica e social em que se viu mergulhado devido aos efeitos da pandemia de Covid-19, torna-se necessário e urgente adotar medidas que possam conduzir a uma recuperação progressiva do preço do leite pago aos produtores, que são seguramente os agentes da fileira que mais têm vindo a sofrer.

Não obstante, e num contexto em que se prevê a manutenção da atual crise no sector, as organizações cooperativas Agros, Lacticoop e Proleite, deliberaram, num esforço financeiro sem precedentes, aumentar o preço do leite pago à produção em 0,015€/ litro com efeitos a partir do próximo dia 1 de outubro.

Estamos conscientes que este ajustamento é insuficiente para superar as grandes dificuldades financeiras em que a generalidade das explorações leiteiras se encontram. Para que seja possível alavancar o sector produtivo, os preços do leite e produtos lácteos junto dos consumidores, terão que forçosamente sofrer urgentemente uma revisão em alta e com um valor significativo.

Reconhecemos que a atual situação do sector é desafiante, não só para as nossas organizações, mas também para todas as que operam o mercado em Portugal. Tudo faremos para amortecer o impacto que esta crise está a provocar nas explorações de leite em Portugal porque a nossa história coletiva é, indiscutivelmente, a nossa maior inspiração. É necessário e imperioso que todos os agentes da fileira estejam unidos para conseguirmos ultrapassar estes difíceis obstáculos.

Joaquim Maria de São José Cardoso
(Presidente do Conselho de Administração)



Joaquim Maria de São José Cardoso
(Presidente do Conselho de Administração)

A Não Perder

Árvore do mês - Pequi
Árvore de Ferro
pag. #4

Axion® Start
pag. #6

Entrevista - Albano da Conceição
Fernandes
pag. #10

Tecnologia da Fibra
pag. #11

Crise no sector leiteiro ameaça
sustentabilidade da fileira
pag. #12

A Raça Holstein Frisia
pag. #16

Stress Térmico
pag. #16

Produção de forragens de inverno
pag. #20

Notícias
pag. #21

O Regresso da Ti Aurora
pag. #22

Boletim Informativo Ficha Técnica

Depósito legal:
217931/04

Periodicidade:
Trimestral

Tiragem:
750 Exemplares

Colaboraram neste número:

Fernando Cardoso	Maria Inês Antunes
Fernandes da Silva	Mário Cupido
Fernando Taveira	Paula Vinhas
Jacinta Gil	Samuel Pinto
João Sousa	Vasco Salgueiro
José Silvestre	Vitor Tavares
Javier González	

Redacção:

Rua Almeida Garrett nºs 5 e 6
Apartado 92
3810-046 AVEIRO
Telef. 234 377 280 - Fax 234 377 281
Email: geral@lacticoop.pt

Coordenação:

M. Fernandes da Silva
Execução Gráfica:
Creativelab, Branding Studio
Rua José Afonso 9, 3800-438 Aveiro
Tlf.: 234 346 130 | design@creativelab.pt

Impressão

Litoprint
Zona indust. 3 Marcos
Vale do Grou - Apartado34
3754-908 Aguada Cima-ÁGUEDA
Telef.: 234 600 330

Recepção de anúncios

Todos os textos, publicidade e imagens devem ser entregues **até ao dia 15 de cada Mês.**

PEQUI ÁRVORE DE FERRO



Esta árvore é correntemente referida no Brasil por pequizeiro reservando-se a designação de pequi para o fruto, símbolo da cultura e da culinária sertaneja em Goiás, Minas Gerais e cerrados de São Paulo e Paraná. No estado de Tocantins há a cidade de Pequizeiro em homenagem à sua presença e onde todos os anos se realiza a festa do pequi. Podemos ainda encontrar esta árvore na Bolívia mas ela é originária do Cerrado brasileiro. A designação de “árvore de ferro” não tem nada a ver com a dureza da sua madeira. Ai Weiwei, artista, pensador e activista chinês radicado agora em Montemor-o-Novo, seleccionou e moldou no Brasil um tronco de “pequi-vinagreiro” de 32 metros que encontrou perto da Baía e a partir do molde produziu na China, em ferro fundido, uma árvore para “plantar” em Serralves. Com todo o respeito que a arte nos merece, passava bem, na nossa opinião, a mata de Serralves, já com alguns problemas, sem este espécime.

O autor é tido como símbolo da liberdade de expressão tanto na China como internacionalmente e quis traduzir nesta obra as suas preocupações da coexistência harmoniosa entre a Humanidade e a Natureza. Manifesta também, como ditam os tempos, os crimes ambientais e mais particularmente a deflorestação da Mata Atlântica brasileira. Pela altura e forma do tronco reproduzido e pelo local onde foi encontrado, deverá tratar-se do Caryocar Edule e não Brasiliense. Convém também lembrar, relativamente à delapidação da espécie, que já desde 1987 a portaria federal 54 proíbe o corte e comercialização de madeira de pequizeiro em todo o território, valha isso o que valer. De qualquer forma o pequizeiro não é muito referido na relação de espécies da Mata Atlântica e muitos outros espécimes podiam ter sido moldados para eternizar em monumento a árvore e o que lhe é subjacente. O pau-brasil é um bom exemplo mas pessoalmente e tendo em conta que o senhor Weiwei é tido como crítico do regime chinês, bem ficava homenagear um belo tronco de girassonde ou mussivi, espécies protegidas no sul de Angola. Isto porque estas nobres espécies, entre outras, estão a ser abatidas clandestinamente e exportadas através da Namíbia para a China.

Entre os troncos que agora homens desesperados abatem a troco de “mata bicho” talvez já estejam alguns plantados pelos seus pais ou avós sob orientação da administração portuguesa que muito antes das preocupações ambientais estarem na moda, já obrigava à reposição de todas as árvores abatidas. E é bom lembrar que estas espécies preenchem a última fronteira verde entre o Cunene / Kuando Kubango e o deserto do Kalahari que teima em avançar para norte.

Nome científico: Caryocar brasiliense
Nomes vulgares: Pequizeiro, Piqui, Pequiá
Família: Caryocaraceae

Características botânicas

Folhas: Compostas, opostas, trifoliadas com folíolos de 13 a 20 cm, tomentosos e de bordos serrilhados. As folhas apresentam-se normalmente duas a duas em cada nó.

Flores: Grandes com cerca de 7 a 8 cm de diâmetro, hermafroditas, apresentam 5 pétalas esbranquiçadas, livres e numerosos, vistosos e compridos estames. Aparecem de Agosto a Novembro.

Frutos: Drupáceos, oleaginosos e aromáticos, semelhantes em tamanho a maçãs, de casca verde-escura que cobre a polpa amarelada, macia e comestível. Sob a polpa apresenta uma camada de finos espinhos que protegem a amêndoa também muito saborosa. Quando maduros soltam-se e caem o que acontece entre Novembro e Janeiro e é nessa altura que são recolhidos.

Tronco: As árvores que habitam o Cerrado, sendo expostas a frequentes incêndios, permanecem frequentemente como subarbustos. Os ramos são grossos e tortuosos com casca cinzenta com fissuras longitudinais e cristas descontínuas.

Perfil: O pequizeiro do Cerrado é uma árvore frondosa que pode atingir os 12 metros de altura e reúne condições para ser utilizada como árvore ornamental. O Pequi vinagreiro, agora representado em Serralves, apresenta um porte erecto e atinge uma altura de 20 a 30 metros.

A recolha e posterior comercialização do pequi no Cerrado assume particular relevância pela abundância de frutos e a pobreza dos agregados locais. Muitos “catadores” conseguem arrecadar nos três meses de produção até 80% do total do seu rendimento anual. O pequi é consumido fresco, cozido no arroz e entra na confecção de pratos tradicionais com galinha, peixe e carnes. Também é conservado e entra na preparação de doces e gelados e em Goiás utiliza-se na preparação dum licor muito apreciado na região. Um quilo de frutos tem em média 13 caroços que dão 140 gramas de polpa e 18 gramas de amêndoa. Por se tratar dum fruto muito oleoso foi utilizado pela população de Tocantins para o fabrico de sabão caseiro.

É muito rico em vitamina C e também A, E e carotenoides. O óleo da amêndoa é aromático e utiliza-se na preparação de cosméticos e apresenta ainda



propriedades anti-inflamatórias, cicatrizantes e gastro-protectoras. Nos últimos tempos e considerando a elevada procura a nível regional e global, o pequi tem sido objecto de mais atenção e acções de melhoramento no sentido de passar a ser produzido e não apenas recolhido. As futuras plantações vão contar com plantas mais produtivas, frutos maiores, com menos espinhos e polpa de amarelo mais intenso e mais saborosos.

A madeira é de boa qualidade e de grande durabilidade, utilizando-se na construção e cercas. Outras espécies fora do Cerrado e de melhores troncos, produzem madeiras mais nobres que tradicionalmente até eram utilizadas para a construções de canoas. Os seus frutos, no entanto, são mais pequenos e não são comestíveis.

As populações do Cerrado aprenderam há muito a saborear o pequi apesar dos picos afiados que o fruto gerou para proteger a semente. Come-se sem talheres, sem morder a polpa, lenta e suavemente com os lábios e a língua a afagar os picos e não a agredi-los. Ensina-nos assim, este simples fruto, a lidar com as agressões a que a Humanidade está cada vez mais exposta. E já agora, a desmontar com cuidado os embrulhos que nos põem à frente, incluindo os da cultura, para engolir...

Mário Cupido

Axion® Start

Uma nova abordagem ao início da lactação e uma nova solução na redução das células somáticas

No momento do parto ocorre uma resposta inflamatória por parte dos animais. Essa inflamação está ligada a uma queda abrupta das reservas de antioxidantes dos animais antes do parto, correlacionando-se assim negativamente com a produção de leite (Robert e Faverdin, 2015). A CCPA realizou diversos estudos para avaliar os efeitos do extrato vegetal de Scutellaria Baicalensis com propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias reconhecidas sobre as células da glândula mamária e na produção de leite.

Relação entre inflamação e a produção de leite

A CCPA, em colaboração com o INRA (Instituto Nacional Francês para a Pesquisa Agronómica), mediu em duas explorações de vacas leiteiras o stress oxidativo (teste de d-ROM) e o nível de inflamação (haptoglobina) verificados no início de lactação.

Verificou-se uma relação inversa e significativa entre a produção de leite e o grau de inflamação observados no pós-parto. Esta relação encontra-se bem demonstrada na figura 2, onde se pode analisar a relação entre o valor de haptoglobina aos 7 dias pós-parto e a produção às 4 semanas.

A variação da haptoglobina após o parto (7 d) explica sensivelmente 15% da variação da produção, na medida em que, apesar do nível de produção das duas explorações ser diferente, a correlação é quase a mesma.

Efeito nas células da glândula mamária

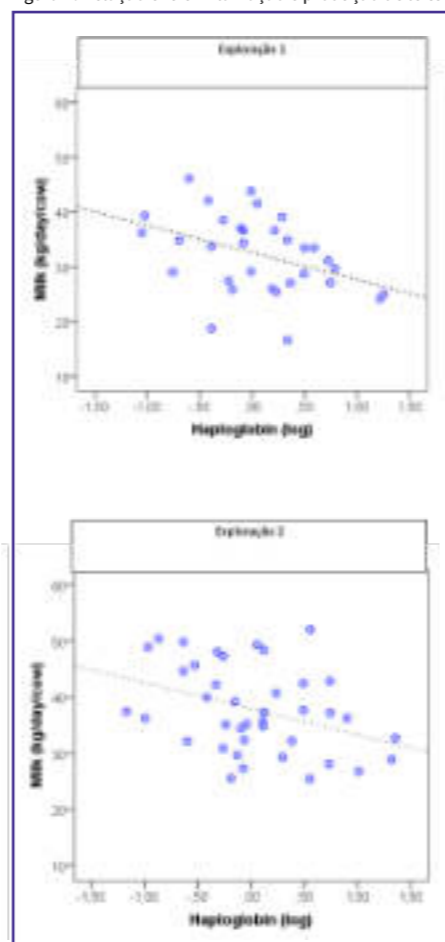
As propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias dos extratos de plantas naturais têm sido estudadas nos últimos anos (Gonzalez-Gallego, 2007; Seven et al., 2011), incluindo a Scutellaria Baicalensis, pelo seu impacto negativo na produção de citocinas pró-inflamatórias (Liu et al., 2008).

Para explicar estas propriedades na glândula mamária a CCPA realizou no INRA, um ensaio para explicar o impacto dos extratos de Scutellaria Baicalensis na cultura de células epiteliais primárias mamárias bovinas. O grande efeito desta planta foi destacado em vários níveis, tais como a viabilidade das células mamárias através de uma diminuição da mortalidade celular e de proteção contra o stress oxidativo via aumento de NRF2 (proteína básica leucina que regula a expressão de proteínas antioxidantes que protegem contra danos oxidativos, desencadeados por lesões e inflamações).



Figura 1. Scutellaria Baicalensis

Figura 2. Relação entre inflamação e produção de leite



Modo de ação e efeitos na produção de leite
O **Axion® Start** é solução natural patenteada com extratos de Scutellaria Baicalensis e antioxidantes rigorosamente selecionados (extratos de chá verde e de uva, vitamina C protegida). Quando administrado no início da lactação reduz a oxidação celular e a inflamação potenciando assim um aumento da produção de leite.

Existem vários ensaios que atestam os benefícios da utilização de **Axion® Start**.

Na figura 7 observam-se os resultados obtidos num ensaio onde um grupo recebeu suplementação com extratos de Scutellaria durante 60 dias. Este ensaio teve como protocolo a distribuição de 24 vacas em dois grupos de acordo com a data esperada de parto, produção de leite, qualidade do



Figura 6. Modo de acção do Axion® Start na lactação

leite, paridade na lactação anterior para as múltiparas e índices genéticos para primíparas. A dieta base com silagem de milho e de erva e concentrado.

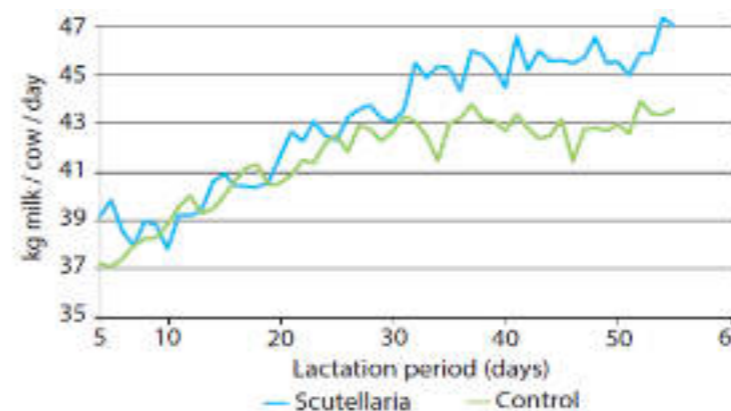


Figura 7. Efeito do extrato da Scutellaria Baicalensis (AXION® Start) na produção de leite (0<DL<60).

	Control	Scutellaria
Milk 0-30 days (kg/cow/day)	41.7	42.8
Milk 30-60 days (kg/cow/day)	42.9 ^a	45.9 ^b
Milk 0-60 days (kg/cow/day)	42.3 ^a	44.3 ^b
Sanitary disorders 0-60 days	5	2

^{a,b} data in the same row, with different letters differ significantly (p<0.05)

Além disto, observamos ainda um melhor desempenho reprodutivo (menor número de IA por vaca prenha/fecundada) e redução no valor das células somáticas usando o Axion® Start. O aumento das células somáticas no leite reflete uma resposta imunitária do animal a uma infeção na glândula mamária. Quanto maior for a inflamação da glândula mamária, maior será o número de células somáticas no leite, principalmente de linfócitos. Em Portugal também foram realizados ensaios que comprovam o seu efeito a este nível (Fig.8). Como verificado existe um efeito marcado da suplementação evidenciado pelos resultados e mesmo com protocolos diferentes.

Conclusão

Axion® Start é uma solução com comprovado impacto directo e contínuo na redução de CCS e, em última instância, na produção total de leite sendo, por isso, uma mais-valia para todos os ruminantes na fase de produção leiteira.

José Silvestre



Figura 8. Efeito do extrato da Scutellaria Baicalensis (AXION® Start) na Contagem de células somáticas e dois protocolos diferentes



Figura 4. Efeito do extrato da Scutellaria Baicalensis (AXION® Start) na enzima - catalase

Figura 5. Efeito do extrato da Scutellaria Baicalensis na Nrf2

Antíbio da Silva Almeida



Faleceu no passado dia 7 de Setembro de 2021 o antigo Director da Lacticoop senhor Antíbio da Silva Almeida aos 87 anos de idade, residente em Vendas de Samel no concelho de Anadia, depois de lhe ter sido diagnosticada recentemente uma doença do foro oncológico, que lhe afectou a estrutura óssea.

O senhor Antíbio Almeida foi eleito em 1986 para desempenhar durante um mandato o cargo de Vogal da Direcção da Lacticoop. Posteriormente, em 1993 foi eleito pela primeira vez Secretário da Mesa da Assembleia Geral da Lacticoop, cargo que desempenhou durante dois mandatos consecutivos que terminaram em 1999.

O senhor Antíbio Almeida fez também parte dos Órgãos Sociais da Cooperativa Agrícola de Anadia, que á época era uma das Cooperativas Associadas da Lacticoop e da Adega Cooperativa de Vilarinho do Bairro. Exerceu ainda o cargo de Presidente da Junta de Freguesia de Vilarinho do Bairro.

Enquanto produtor de leite teve uma exploração familiar e foi proprietário de uma sala de ordenha mecânica colectiva, que serviu também os pequenos produtores de leite da sua localidade. Mais tarde aumentou o seu efectivo pecuário e instalou-se como produtor num Estábulo Individual.

Quando no início da década de oitenta a Lacticoop tomou a iniciativa de proceder à introdução da técnica da transferência embrionária em vacas leiteiras, o senhor Antíbio Almeida disponibilizou as suas vacas para servirem de produtoras e receptoras de embriões, mesmo correndo o risco de algo poder correr menos bem, atendendo à inexperiência dos nossos médicos veterinários nessa área naquele momento.

Foi ainda um dos produtores prestadores do serviço de recria de novilhas da Lacticoop no tempo em que o nosso serviço de recria teve necessidade de aumentar a capacidade de resposta à procura de animais dotados com melhores características genéticas, morfológicas e funcionais para a produção de leite.

Tendo sido sempre uma pessoa humilde e muito afável no trato, não deixou de estar atento à evolução do sector agrícola da sua região e tinha gosto em ter uma postura interventiva nas instituições a que esteve ligado.

No momento em que vimos partir mais um ex-dirigente da Lacticoop, resta-nos fazer o último agradecimento, pela sua contribuição para o engrandecimento da Lacticoop, enquanto Organização de referência ao serviço dos produtores de leite, que muito brevemente irá completar sessenta anos de existência.

À família e amigos do Senhor Antíbio da Silva Almeida, o Conselho de Administração e Colaboradores da Lacticoop apresentam as mais sentidas condolências.

M. Fernandes da Silva

SÓ COM ENTEC® USUFRUI DE TODOS OS NUTRIENTES

ENTE C®

AUMENTO DA EFICIÊNCIA
NO USO DOS NUTRIENTES

Garantia da disponibilidade de azoto e fósforo desde os estados iniciais e ao longo de todo o ciclo

MENOR NÚMERO DE APLICAÇÕES
E MAIOR FLEXIBILIDADE

Menos aplicações e fórmulas adaptados a todos os momentos de aplicação

COMPATÍVEL COM A PROTEÇÃO
CLIMÁTICA E AMBIENTAL

Redução das perdas de nitratos por lixiviação e das emissões de gases de efeito de estufa



DEIBA

Parque Industrial de Mitrena, Lotes 42-45
2910-738 Setúbal PORTUGAL
Tel: +351 265 709 660 | www.adubosdeiba.com



EuroChem Agro Iberia, S.L.
www.eurochemiberia.com

 EUROCHEM



Albano da Conceição Fernandes

EXPLORAÇÃO: Maria Emília Pereira Duarte Fernandes

Nome: Albano da Conceição Fernandes
Cargo: Proprietário
Formação: Escolaridade obrigatória

▪ **Onde se situa a sua exploração?**

A exploração está localizada na freguesia de Mansores, concelho de Arouca.

▪ **Quantos animais tem em ordenha?**

Temos cerca de 60 vacas em ordenha, com uma frequência de duas ordenhas por dia.

▪ **Que raças tem na sua exploração?**

Temos animais da raça Holstein Frísia, Parda Suíça e Montbéliard.

▪ **Quantos trabalhadores tem na sua exploração?**

A exploração tem 3 trabalhadores.

▪ **Há quanto tempo trabalha na indústria leiteira?**

Estou em contacto com esta realidade desde que nasci, os meus pais já tinham vacas e eu e os meus irmãos sempre ajudámos no campo. Quando me casei, em 1982, adquiri a primeira vaca. Tivemos até 5 vacas nas cortes debaixo da casa e quando decidimos aumentar, adquirimos aquele que é o terreno onde se localiza a atual vacaria.

Começou por se construir uma estrutura de 80 metros quadrados onde cabiam as 5 vacas, vitelos, ordenha e tanque. Passados 3 anos, criámos mais um espaço, já com fossa, para mais 10 animais. Passados outros 3 anos, criámos um novo coberto de 200 metros quadrados para mais 20 vacas. Em 1995 fizemos uma ordenha com 4 pontos e, em 2000, um novo pavilhão com 360 metros quadrados para colocar 40 animais, já com arrastador para a fossa. Em 2004 mandámos cobrir mais uma área de 300 metros quadrados para colocar mais 30 animais e em 2005 criou-se outra cobertura, alargando a área da vacaria para responder ao aumento de animais na recria.

▪ **Como caracteriza a sua exploração? E quais os seus principais objetivos?**

Trata-se de uma exploração familiar, cujo principal objetivo passa por manter a rentabilidade e a continuidade na família.

▪ **Quais consideram ser os fatores-chave para o sucesso da sua exploração?**

A saúde e a vontade de trabalhar. Toda a exploração foi fruto de muito trabalho, sendo tudo feito sem recorrer a ajudas externas e projetos.

▪ **Qual a sua opinião sobre o estado atual da indústria leiteira e quais as perspetivas em relação ao futuro?**

Está a passar uma fase muito crítica e que poderá a vir por em causa a subsistência dos produtores.

▪ **O que tem a dizer sobre o decorrente projeto de certificação em Bem-Estar Animal?**

É um projeto que faz sentido pois os produtores também têm interesse em saber como trabalhar melhor, sendo importante informar mas também não penalizar.

▪ **Como correu a auditoria do Bem-Estar Animal na sua exploração? O que achou das propostas de melhorias sugeridas pelos auditores?**

A auditoria correu bem e as alterações sugeridas contribuíram para um melhor funcionamento da exploração.

▪ **Qual a sua opinião sobre o papel desenvolvido pela Cooperativa de Arouca e pela Lacticoop no desenvolvimento e modernização do sector leiteiro na sua região?**

Penso que tiveram um papel importante uma vez que apoiaram o nosso desenvolvimento e ajudaram a manter a vacaria.

É bom lembrar que a Cooperativa Agrícola de Arouca foi uma das fundadoras da Lacticoop e os seus dirigentes tiveram uma preocupação permanente em ajudar a desenvolver e modernizar o sector do leite no nosso concelho.

Por outro lado a Lacticoop criou uma estrutura composta por técnicos especialistas nas várias áreas do sector agropecuário, que ao longo dos tempos tem feito um acompanhamento de proximidade aos produtores de leite.

▪ **Percebemos que o seu principal parceiro de negócio foi e continua a ser a sua Cooperativa. Quer deixar o seu testemunho pela confiança e qualidade dos serviços que a sua Cooperativa presta aos seus associados?**

Temos de olhar pela nossa Cooperativa. Sempre estiveram presentes para nos apoiar e sempre foram muito prestáveis. A nossa cooperativa tem técnicos capacitados e todos os produtos necessários ao desenvolvimento da nossa actividade, e por isso, dada a sua proximidade, é um bom parceiro com quem podemos trabalhar porque afinal é uma organização que também é nossa.

Maria Inês Antunes

Tecnologia da Fibra

A importância da digestibilidade da fibra das forragens é um assunto cada vez mais tido em conta como forma de aumentar a efetividade da exploração. No caso da cultura milho, está provado que os fatores que efetivamente influenciam a digestibilidade estão ligados às condições ambientais e agronómicas de desenvolvimento da cultura e que, apenas com recurso a híbridos BMR somos capazes de ter uma diferença significativa no conteúdo de fibra digestível (NDFd).

No entanto, em híbridos de silagem de elevado potencial produtivo não-BMR existe a possibilidade de aumentar a digestibilidade dessa forragem durante o processo fermentativo com recurso à Tecnologia da Fibra dos inoculantes FT, associado ainda à melhoria da estabilidade após a abertura do silo.

O 11CFT é o inoculante desta gama específico para a cultura do milho e oferece-lhe um conjunto de benefícios:

- 1) melhoria da fermentação
 - 2) redução do aquecimento ao longo do processo de desensilamento (feedout)
 - 3) melhoria da digestibilidade de fibra (NDFd);
- A melhoria da fermentação é conseguida com a redução mais rápida do pH no início do processo fermentativo. As bactérias presentes nos nossos inoculantes, adaptadas especificamente a cada umas das culturas, aumenta a eficiência da conversão dos açúcares em ácidos permitindo atingir mais rapidamente o pH terminal. Para além do ácido láctico, são também produzidos outros ácidos gordos voláteis, nomeadamente o ácido acético e o ácido propiónico que são os principais responsáveis pela estabilidade aeróbica do silo após a abertura. A melhoria da digestibilidade da fibra é consequência da ação das enzimas produzidas pela estirpe exclusiva de *Lactobacillus buchneri*. Estas enzimas têm a capacidade de desacoplar a lenhina, rompendo a fibra e tornando-a mais fácil de digerir pelos animais.

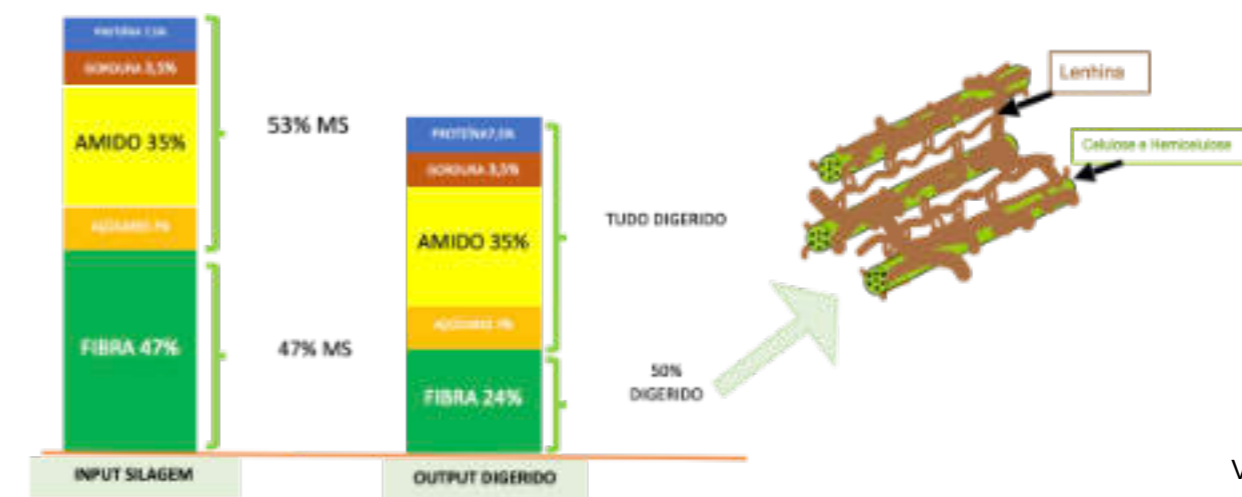
Em relação à fibra, nem toda a fração de fibra é digestível rondando normalmente os 50% de digestibilidade.

O inoculante 11CFT atua de forma a aumentar a quantidade de fibra digerida pelo animal, permitindo assim um maior aproveitamento da forragem. O aumento do NDFd resulta em maior densidade energética da silagem e aumento do leite produzido por tonelada de silagem.

A rentabilização da utilização do 11CFT pode ser feita através do aumento da produção com o maior aproveitamento da forragem ou através da redução dos custos de produção com a redução da quantidade de matérias primas na dieta dos animais mantendo o mesmo nível de produção. Com base nos dados obtidos nos programas de formulação, a redução esperada de farinha de milho ronda os 725 gramas/vaca/dia e os 453 gramas de farinha de soja/vaca/dia.

<p>-Reduzir o grão de milho em 725 gramas e a soja em 453 gramas economiza</p> <p>~ 0,33 €/vaca/dia (observe que o preço do milho é de 190 €/t)</p>
<p>- Tratar os 28 kg silagem com CFT custa</p> <p>~ 5 cêntimos/vaca/dia (avaliado pelo custo de produção)</p>
<p>-Aumentar silagem CFT em 2,72 kg (em verde) para manter a ingestão de matéria seca com o mesmo custo ~ 13 cent. / vaca/ dia (inclui custo de CFT)</p>
<p>Ganho neto:</p> <p>13,4 cent./vaca/dia</p> <p>-e melhor saúde ruminal -</p> <p>(Não inclui o valor agregado da redução das perdas de matéria seca da silagem e melhoria de palatabilidade com CFT)</p>

Esta tecnologia está disponível para silagem de milho, silagem de erva e silagem de luzerna.



Vasco Salgueiro

CRISE NO SECTOR LEITEIRO AMEAÇA SUSTENTABILIDADE DA FILEIRA



O sector do Leite a nível nacional atravessa uma crise que ameaça a sustentabilidade da fileira, por via de uma série de fatores, que irão ser analisados ao longo deste artigo, e que colocam uma grande pressão do lado da produção levando a um risco de perda de rendimento dos Produtores de leite.

Os Produtores de leite nacionais têm sofrido, desde o início do ano, aumentos generalizados dos seus custos de produção, nomeadamente dos alimentos para animais, como sejam os cereais (cujas cotações têm sofrido aumentos sucessivos), mas também dos combustíveis, energia, fertilizantes e outros fatores de produção. Também a Indústria Láctea nacional sentiu, especialmente no último ano, fortes pressões devido ao aumento de custos, nomeadamente as matérias necessárias ao processamento industrial, e à forte instabilidade da cadeia logística motivada pela Pandemia da COVID-19, a par da responsabilidade e encargo mantido na recolha de todo o leite produzido.

Os agravamentos dos custos de produção da fileira são bem exemplificados nas cotações do milho e da soja para alimentação animal, cujos aumentos desde o início do ano rondam os 66% e 54% respetivamente, mas também estão associados aos custos das embalagens de cartão e plástico, cujo preço acompanha o do petróleo, aos custos ambientais e ao aumento da massa salarial resultante da atualização do salário mínimo nacional.

Estas perturbações ao nível da Produção e da Indústria, às quais se juntam as transformações de mercado, muito especialmente as sentidas pela interrupção do canal HORECA (restauração), não têm motivado nenhum tipo de alteração de comportamento por parte da Grande Distribuição, que continua sistematicamente a desvalorizar o produto ao praticar as mesmas condições negociais, com a agravante de, recentemente, aumentar a pressão promocional sobre os produtos lácteos.

A constatação de que os preços do leite à produção praticados em Portugal são inferiores à média da UE, deve ser enquadrada na realidade em que os preços de venda ao consumidor do leite e dos produtos lácteos são dos mais baixos da Europa. Em que outro País da UE é possível encontrar na Distribuição leite a um preço a rondar os 40 cêntimos/litro?

Com efeito, o ímpeto do slogan publicitário da Distribuição de “defesa da produção nacional” não é coerente com a remuneração dos respetivos bens agrícolas, sendo o leite um exemplo paradigmático de tal comportamento.

A melhoria da remuneração da matéria-prima dos Produtores de leite apenas será viável através da alteração do comportamento da Distribuição, pois recorrentemente utiliza o preço dos produtos lácteos como mero chamariz de clientes para os estabelecimentos, depreciando o valor e o trabalho de toda uma fileira a montante. Na conjuntura atual, os operadores da Indústria estão impossibilitados de internalizar custos adicionais na aquisição de matéria-prima. Somente um reconhecimento por parte da Distribuição do aumento dos custos de produção da fileira permitirá

à Indústria melhorar a remuneração da matéria-prima junto dos Produtores.

Da parte da Distribuição a postura repete-se, escudando-se no argumento de que (simplesmente) adquirem os produtos aos preços de mercado e que as margens de lucro do seu negócio são baixas. Esquecem-se, no entanto, que a sua atuação molda e define o mercado. Vejamos os exemplos mais significativos:

- em Portugal temos já um operador da Distribuição que atua também ao nível da compra de leite diretamente ao Produtor e também o processa industrialmente, fechando completamente a cadeia de valor desde o Produtor até ao Consumidor;

- as marcas da Distribuição representam já mais de 36% do mercado lácteo, exprimindo o duplo poder dos operadores, tanto na distribuição como no processamento;

- as margens de lucro baixas resultam da própria atuação da Distribuição, que utiliza o leite e produtos lácteos como produtos isco para os clientes, reduzindo o valor percebido pelo consumidor;

- as importações de produtos lácteos a preços não representativos nos mercados de origem (tratam-se de excedentes), são um fator de concorrência desleal em relação à produção nacional.

É inquestionável que a Distribuição tem um papel muito relevante na competitividade da fileira láctea em Portugal e que não se pode eximir de responsabilidades em relação à sua influência nos níveis de competitividade dos operadores a montante. No entanto, há também que admitir que cabe aos operadores tomar as decisões conducentes à promoção da sua própria competitividade. Neste capítulo, a questão específica da Região Autónoma dos Açores (RAA) constitui um caso paradigmático de um conjunto de medidas públicas aparentemente positivas para os operadores, mas que no seu todo são altamente perniciosas para os agentes regionais e nacionais.

Com efeito, o sector lácteo da RAA beneficia de várias medidas de apoio do POSEI, enquadrado no âmbito do estatuto de ultraperiferia da UE. Nada nos move contra estas ajudas, mas sim com os seus efeitos nos mercados, cujas repercussões são extremamente negativas.

Com efeito, de acordo com os nossos cálculos, o total de ajudas diretas e indiretas do POSEI alocadas ao sector leiteiro rondam os 0.10€/litro de leite produzido. Aquilo que supostamente tinha por objetivo suportar a produção de leite regional, constitui um evidente estímulo à produção.

O comportamento da produção de leite na RAA bem ilustra bem essa conclusão.

Entre 2015 (fim das quotas leiteiras na UE) e o ano de 2019 a produção cresceu quase 4% na RAA (atingindo as 653 mil toneladas), ao contrário do comportamento no resto do território nacional, onde a produção recuou cerca de -2,2%. Em termos mais estruturais, convém também referir que desde 2010 a produção na RAA aumentou quase 20%.

Desta forma, podemos dizer que houve um esforço de contenção da oferta de leite e a sua adequação à respetiva procura no continente, enquanto na RAA houve um incremento da produção, o qual na nossa visão apenas foi possível devido às ajudas do POSEI. Recordamos que no Continente, os operadores cooperativos e privados atuaram de forma cautelosa e aplicaram a figura dos contratos obrigatórios de compra/venda de leite com limiares de produção ajustados à procura, processo que na RAA apenas se iniciou recentemente e de forma muito tímida em alguns compradores.

Se a esta desregulação da oferta na RAA somarmos o facto de que o adicional da produção foi em grande medida processado como leite de consumo (+28% entre 2010 e 2019) e queijo (+20% entre 2010 e 2019) “exportado” para o Continente, temos constituído um quadro em que todos os operadores ficam a perder. Por um lado, temos os produtores açorianos que se queixam dos preços à produção mais baixos que os do Continente; Por outro lado, os operadores do Continente que se queixam da “concorrência desleal” dos produtos provenientes da RAA e cujas condições de venda à distribuição são inigualáveis por parte dos operadores do Continente, sob pena de colocarem em causa a sua sobrevivência.

Neste quadro, não faria sentido um novo entendimento do mercado através de uma redefinição de prioridades e objetivos? Desde logo, através de um maior esforço de contenção da oferta de leite na RAA, visando um melhor equilíbrio de mercado e, em última instância, evitar a degradação de preços!

A excessiva politização do sector na RAA impede a tomada de decisões necessárias mas difíceis do ponto de vista institucional. Ainda assim, faria sentido equacionar a reafectação gradual das ajudas do POSEI à inovação, promoção e exportação no mercado global dos produtos açorianos, valorizando as características específicas e mais-valias dos produtos locais. Tal teria um impacto positivo na economia na região, materializando uma ideia recorrentemente propalada de genuinidades da produção local mas nunca efetivamente concretizada no mercado, num patamar de valor adequado à imagem “Açores”. A produção da RAA tem condições competitivas vantajosas que podem ser rentabilizadas no mercado global, as quais não são equiparadas ao restante território

nacional. A valorização da produção regional açoriana terá efeitos positivos na remuneração da matéria-prima nos Açores, mas também contribuirá para um melhor equilíbrio na cadeia de valor a nível nacional.

Analisando agora a Intervenção pública a outro nível, importa também mencionar que o Governo, através dos Organismos competentes, deve fiscalizar a atuação dos operadores da Distribuição em relação ao cumprimento das regras existentes em matéria de “vendas com prejuízo” e das restantes práticas desleais da concorrência.

O papel da PARCA (Plataforma de Acompanhamento das Relações na Cadeia Alimentar) tem de ser reforçado, por via da análise do funcionamento da cadeia de valor, identificando estrangulamentos e vias para a sua resolução. Foi recentemente anunciada a criação de uma subcomissão no âmbito da PARCA visando especificamente o Sector do leite e dos produtos lácteos. Aguardamos a sua definição em termos de composição, objetivos e mandato.

Por fim, tendo sido recentemente obtido acordo político quanto à futura PAC 2022-2026, importa defender a posição dos Produtores de leite em matéria de ajudas diretas ao rendimento. As perspetivas não são positivas, na medida em que estão previstos cortes muito relevantes, devido a opções políticas que não levam em linha de conta a necessidade de garantir a sustentabilidade económica da produção de leite nas regiões tradicionalmente produtoras. A grande novidade desta reforma da PAC é o nível muito largo de opções que ficam ao critério do Estado-membro, pelo que nos próximos meses terão que ser tomadas um conjunto de decisões determinantes para o futuro do sector.

Parece-nos que foram já tomadas algumas decisões para o período de transição 2021-2022 claramente extemporâneas, como sejam a convergência total do pagamento base em 2026 e o início do processo já em 2021, tanto mais que o acordo obtido a nível europeu prevê um mínimo de 85% de convergência. Outras decisões também se perfilam no horizonte, nomeadamente a definição dos ecogéregos com impacto na pecuária de leite, debate em que temos participado ativamente e o incremento da ajuda ligada à vaca leiteira, cuja última proposta se fixa nos 99 euros/animal/ano, mas que entendemos como muito insuficiente face às perdas resultantes da convergência do pagamento base.

Perante esta situação complexa, e sabendo que a sobrevivência da cadeia láctea nacional depende da existência de produção de leite em Portugal, é nosso entendimento que apenas com um forte compromisso de todos os agentes da fileira e uma atuação determinada da Administração será possível garantir a viabilidade dos operadores, com essencial destaque para os Produtores de leite.

Fernando Cardoso (Secretário Geral da Fenalac)



FÍGADO SAUDÁVEL, PRODUÇÃO DE LEITE E LONGEVIDADE

JAVIER GONZÁLEZ, *Jefe de Producto Hydiet-Kersia*

O fígado é o órgão central da fisiologia da vaca leiteira devido às suas funções digestivas, metabólica, imunológica e endócrina, entre outras. Se esse órgão falha ou diminui sua capacidade, todas as funções fisiológicas do corpo ficam comprometidas. A saúde do fígado condiciona dois objetivos fundamentais para uma produção leiteira eficiente e lucrativa. Um desses objetivos é imediato, e é a produção de leite a cada lactação, o outro objetivo é mais a médio ou longo prazo, é aumentar a vida produtiva do animal.

Saúde do fígado e produção de leite

No pré-parto, a engorda do fígado já é um grande problema de saúde, especialmente se a vaca começar a mobilizar gordura da reserva corporal. Essa situação aumenta o risco de retenção de placenta, cetose, febre do leite e mastite, patologias que dificultam diretamente a produção nesta lactação. Os problemas continuam após o parto, sendo o fígado gorduroso uma das principais causas do retardo na ingestão de alimentos nos dias após o parto. A crescente demanda por nutrientes para a produção de leite na vaca recém-parida, e essa limitação na capacidade de ingerir a ração, pode aumentar o balanço energético negativo, com risco aumentado de cetose e diminuição da fertilidade.



Longevidade como objetivo

Se você perder de vista os objetivos produtivos de cada lactação, em litros e em qualidades, tanto físico-químicas quanto microbiológicas, a produção ao longo da vida é um parâmetro a levar em conta para avaliar a rentabilidade da fazenda leiteira.

Com as sucessivas lactações, o fígado fica sujeito a depósitos de gordura que nem sempre consegue eliminar de forma eficaz. Isso resulta em uma perda progressiva da capacidade de realizar suas funções digestivas e metabólicas, que é uma das principais causas de desvio precoce em animais.

Devemos cuidar do estado gorduroso do fígado no periparto da vaca para alcançar, na medida do possível, uma boa lactação presente e prolongar a vida produtiva do animal.

“a produção ao longo da vida é um parâmetro a levar em conta para avaliar a rentabilidade da fazenda leiteira”



Garanta um bom arranque de lactação

POR UM BOM PERÍODO DE TRANSIÇÃO EM VACAS DE ALTA CONDIÇÃO CORPORAL
TRATAMENTO COMBINADO



O BALANÇO ENERGÉTICO NEGATIVO DA VACA EM PÓS-PARTO AUMENTA O RISCO DE DOENÇAS METABÓLICAS E PROBLEMAS REPRODUTIVOS



7 dias antes do parto



Utilize **BOLIFAST® PHYSIOLOGIC** para: prevenir o fígado gordo, melhorar a função hepática, facilitando a conversão das reservas corporais em uma fonte de energia, e promover o início da lactação.



Depois do parto



Complementar a ação do **BOLIFAST PHYSIOLOGIC** com **BOLIFAST® RUMEN** para um bom início da lactação, estabilizando o pH ruminal, estimulando as fermentações microbianas e continuando com a ação protetora no fígado.

A RAÇA HOLSTEIN FRISIA



Porque razão são as vacas da raça Holstein Frísia tão especiais e conhecidas pelo cidadão comum? A razão prende-se com o fato estarem associadas à produção de Leite e de terem um padrão de raça muito comum, facilmente reconhecido por qualquer pessoa. Com efeito esta raça de bovinos da subespécie *Bos taurus* é o maior efetivo leiteiro do planeta, tendo uma capacidade enorme de se adaptar a qualquer ambiente, seja em raça pura ou em cruzamento com a subespécie zebuína em zonas tropicais.

O que faz a raça Holstein Frísia única como animais de aptidão leiteira, é a sua capacidade em aumentar de geração em geração a produção média por animal, bem como a quantidade de gordura e de proteína.

Em termos produtivos uma vaca Holstein Frísia pode facilmente produzir mais de 12.000 Kg de leite por ano, existindo já uma vaca identificada nos E.U.A. que produziu 35.144 Kg em 365 dias. A capacidade de produzir destes animais parece quase ilimitada.

Aliada a esta capacidade em produzir leite, a raça Holstein Frísia tem uma capacidade de adaptação a todos os tipos de manejo. Com efeito é possível encontrar rebanhos desta raça de aptidão leiteira, tanto confinamento estabulado ou semi-estabulado, como em pastagem abertas. Podem ser encontradas em todos os continentes e climas, embora em regiões climaticamente mais agressivas, com climas tropicais, a solução passe por cruzar os animais da raça Holstein Frísia com animais de raça zebu. É o caso do Girolando, um cruzamento de Holstein com o zebu de raça Gyr no Brasil.

O seu temperamento dócil e meigo faz destes animais uma opção global, quando se pretende escolher por uma raça de aptidão leiteira.

Origens

A raça Holstein Frísia também conhecida em Portugal como turina, é uma raça de elevada estatura, facilmente identificada pelo padrão malhado que estes animais apresentam.

Há 2000 anos as tribos germânicas que povoavam a foz do Reno

e Elba criavam os animais que viriam a dar origem à actual vaca Holstein Frísia. Esta raça de tipo leiteiro estendeu-se por todo o litoral do mar do Norte, da Jutlândia à Frísia ocidental.

O grande desenvolvimento genético destes animais iniciou-se no século XIX com o trabalho efectuado por criadores holandeses e com a exportação dos primeiros exemplares destes animais para a América do Norte.

Enquanto que no continente americano, o melhoramento da raça incidiu sobre a produção de leite, na Europa por seu lado, a orientação no melhoramento foi para animais de aptidão mista, leite e carne. Isto fez com que animais possuindo o mesmo padrão da raça, se tornassem morfologicamente diferentes. Na América ao fim de algumas gerações surgiram animais mais altos, mais descarnados e angulosos, enquanto os animais europeus, embora demonstrando alguma aptidão leiteira, possuíam melhor qualidade de carcaça. Para os diferenciar, é comum denominar os animais desenvolvidos na América do Norte como Holstein e os europeus como Frísios, embora se trate da mesma raça bovina. A grande especialização do setor leiteiro nos últimos 30 ou 40 anos, levou a que atualmente a maioria do efetivo mundial esteja holsteinizado, ou seja a maioria dos reprodutores utilizados a nível mundial são provenientes de linhas apuradas na América do Norte.

As primeiras referências em Portugal de animais com este padrão reportam-se ao século XVII, nas regiões em redor de Lisboa. Lentamente foi-se espalhando por todo o país, tendo encontrado na foz do rio Vouga o espaço ideal para o seu desenvolvimento. Aveiro e a região circundante passou a ser conhecida como o Solar da Vaca Leiteira.

Hoje em dia esta raça de aptidão leiteira está disseminada por todo o país, embora com maior densidade no noroeste português e com os maiores efectivos por exploração no sul de Portugal.

Características

Os animais desta raça possuem uma morfologia nitidamente de aptidão leiteira, facilmente observado no grande desenvolvimento do sistema mamário e com uma capacidade corporal que lhe permite consumir grandes quantidades de

forragem e valoriza-la.

A vaca Holstein Frísia é um animal precoce de grande corpulência, podendo atingir 1.54 m de altura à garupa e pesar 600 a 700 Kg. Tem como característica o facto de possuir malhas pretas e brancas, que em alguns casos poderão ser vermelhas e brancas devido a um gene recessivo.

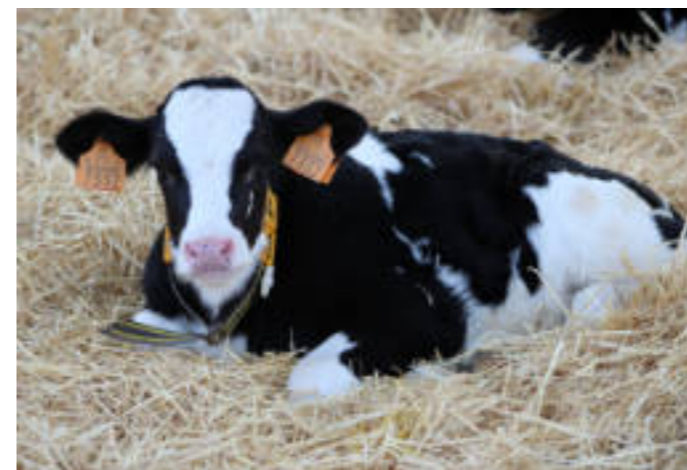
A cabeça destes animais é comprida e dolicocefala, com os olhos bem aflorados e o focinho largo. O pescoço é comprido e delgado, sendo a barbeta pequena, o peito largo e as costelas arqueadas e profundas. A garupa é larga com os ossos ilíacos bastante salientes. O úbere é volumoso com ligamentos fortes e a pele macia e fina, coberta de pelos sedosos e curtos.

A raça nacional para a produção de leite

A expansão da raça em Portugal acompanhou a evolução do consumo de leite no nosso país, estando a produção de leite assente essencialmente em animais desta raça.

O Livro Genealógico Português da Raça Bovina Frísia foi instituído em 1959, enquanto o contraste leiteiro se iniciou de forma organizada em 1960.

O aumento do nível de vida dos portugueses a partir dos anos sessenta, bem como a melhoria das condições higieno-sanitárias na produção e transformação do leite e seus derivados, fez disparar o consumo de leite no nosso país. A acompanhar este incremento na produção e consumo de leite, o número de animais Frísios também aumentou, substituindo nalguns casos as raças autóctones tradicionalmente utilizadas para a produção de leite, disseminando-se por todo o território nacional e estendendo-se mesmo a regiões que tradicionalmente não eram consideradas como de produção bovina leiteira.



Nos últimos trinta anos, além do aumento do efetivo frísio, deu-se também uma evolução genética sem precedentes da raça com a holsteinização dos efectivos nacionais, fruto da introdução de novas tecnologias como a inseminação artificial nos anos 70 e mais recentemente com os transplantes de embriões. Outro factor que contribuiu para a holsteinização dos bovinos Frísios no nosso país, foram os abates sanitários devido à Peripneumonia Contagiosa dos Bovinos nos anos noventa do século passado e a consequente importação em grande número de animais provenientes da Holanda, França, Alemanha e Dinamarca.



Vaca da Sociedade Melosfarm, número PT 092674931 com o nome BLITZ 487, e com uma produção acumulada em oito lactações de 137.502 Kg de leite, 3.811 Kg de gordura e 3.685 Kg de proteína.

O Livro Genealógico Português da Raça Bovina Frísia

O Livro Genealógico tem por objetivo assegurar a pureza da raça, concorrer para o seu progresso zootécnico e favorecer a criação e difusão de bons reprodutores. Nele são inscritos todos os dados relacionados com as genealogias, classificações morfológicas e produções de todos os animais da raça Holstein Frísia. O Livro Genealógico é por isso uma fermentação essencial para a obtenção da Avaliação Genética nacional e o consequente desenvolvimento de programas de melhoramento da raça. Em Portugal a gestão do Livro Genealógico Português da Raça Bovina Frísia é por delegação da tutela a Associação Portuguesa dos Criadores da Raça Frísia.

O Melhoramento Animal da raça Frísia em Portugal

O enorme impulso que o melhoramento da raça frísia teve nos últimos trinta anos no nosso país é fruto do esforço coletivos dos criadores nacionais, concertado com as suas associações, nacionais e regionais de apoio ao melhoramento da raça.

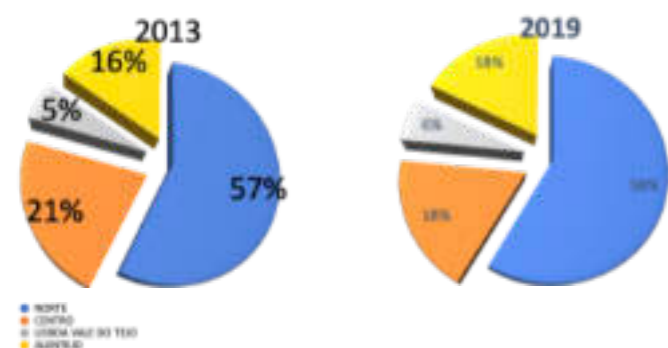
Em termos associativos, o melhoramento da raça frísia assenta no continente português em duas associações regionais de apoio à bovinicultura leiteira responsáveis pelo contraste leiteiro, e pela associação nacional da raça, a APCRF – Associação Portuguesa dos Criadores da Raça Frísia, gestora do Livro Genealógico Português da Raça Bovina Frísia (LGPRF) e responsável também pela avaliação morfológica dos animais portugueses da raça frísia. A unir estas três entidades existe uma estrutura de cúpula, a ANABLE, proprietária da base de dados utilizada no melhoramento da raça Frísia e elo de ligação entre as diferentes associações de melhoramento e o Estado.

Uma das principais ferramentas de melhoramento é precisamente o contraste leiteiro, que consiste na avaliação da quantidade e qualidade do leite produzido por cada uma das fêmeas de uma exploração no decurso das sucessivas lactações, permitindo estimar a produção total de leite, gordura e proteína e fornecendo ainda informações sobre a presença de células somáticas, ureia e corpos cetónicos no leite. Na região norte é a ABLN (Associação de Apoio à Bovinicultura Leiteira do Norte) que realiza esta ação no terreno, sendo na região centro e sul o contraste realizado pelos funcionários de uma outra associação regional, a EABL (Associação para o Desenvolvimento da Estação de Apoio à

Bovinicultura Leiteira). Além do contraste leiteiro, estas associações promovem outras ações de melhoramento e apoio às explorações como os emparelhamentos corretivos dos efetivos e venda de animais jovens da raça para exportação.

A existência de estruturas associativas do melhoramento fortes e associadas ao dinamismo dos criadores e produtores de leite nacionais, permitiu que nos últimos vinte anos tivéssemos assistido a um melhoramento genético impressionante na qualidade e produtividade do rebanho português da raça Frísia.

Com efeito entre 2000 e 2019 a produção média por animal passou de 7.342 Kg em 305 dias de lactação com 3,63% de teor butiroso e 3,16% de teor proteico, para 10.075 Kg também aos 305 dias com 3,74% de teor butiroso e 3,32% de teor proteico. Apenas para se ter uma ideia da dimensão deste crescimento, hoje e em média, cada vaca Frísia produz mais 2.745 Kg de leite, 109 Kg de gordura e 102kg de proteína numa lactação, do que as suas avós no início deste século.



Embora entre 2013 e 2019 tivéssemos assistido a uma redução substancial do efetivo Holstein de 18.000 vacas, com menos animais em 2019, o país produziu a mesma quantidade de leite de 2013.

Atualmente existem no Livro Genealógico português, ainda em lactação, 50 animais que em vida e no total das lactações produziram já mais de 100.000 Kg de leite.

O melhoramento da raça Frísia a que assistimos nos últimos vinte anos só foi possível devido ao elevado profissionalismo dos criadores no apuramento da raça e também ao apoio das associações ligadas ao melhoramento da raça Frísia.

	2013	2019
Holstein Puro	168 215	146 490
Holstein Cross-Breed	7 698	11 363
TOTAL	175 913	157 853

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE VACAS ADULTAS

O aumento da produtividade dos rebanhos e da qualidade dos animais da raça Frísia tem levado, no entanto a uma redução do efetivo nacional motivado pelo fato da produção estar

limitada aos contratos estabelecidos com as entidades de recolha.

Estas limitações relacionadas com a recolha, bem como o aumento na utilização de sêmen sexado, fez com que atualmente em algumas explorações, comece a existir um número excedentário de novilhas destinadas à reposição do efetivo. Uma das saídas para este excesso de novilhas poderá passar pela exportação de animais, aumentando desta forma o rendimento das explorações, o que de certa forma é também um resultado do esforço feito pelos criadores nacionais no da raça Frísia.

Drap	2013	2019
NORTE	100 211	91 904
CENTRO	37 728	28 039
LISBOA VALE DO TEJO	9 671	9 235
ALENTEJO	28 303	28 675
TOTAL	175 913	157 853

Dados IFAP - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE VACAS ADULTAS POR REGIÃO

O valor económico da raça bovina Frísia está intimamente relacionado com o setor leiteiro nacional. Para termos uma ideia do peso da raça Frísia no valor da produção agrícola nacional, a produção de leite em 2019 foi de 708 milhões de euros, o que representa uma variação positiva (+0,3%) em relação a 2018, sendo consequência da evolução do preço (+1,2%), uma vez que e do volume produzido baixou -0,9%. A Produção de Leite preencheu 25% do valor da Produção Animal e 10% do valor da Produção Agrícola.

Se ao valor do leite produzido acrescentarmos o valor da carne e de toda a economia que circula em torno deste setor como o das empresas de rações e de todo o tipo de serviço relacionados com a produção de leite, facilmente compreendemos o peso enorme que as vacas da raça Holstein Frísia têm para a economia do país. Podemos facilmente compreender que os fundos comunitários destinados ao investimento na raça Frísia, foram bem aplicados e viram o seu valor multiplicado na economia nacional.

Samuel Pinto
(Secretário Técnico do Livro Genealógico da Raça Frísia)



Melius®

Starcal

Corretivo Calcário Granulado

- ✓ Corretivo calcário com elevado poder neutralizante
VN (Valor Neutralizante): 53
- ✓ Elevada solubilidade carbónica: 80%
- ✓ Neutraliza rapidamente e acidez do solo



Adubos Deiba - Comercialização de Adubos, Lda.
Parque Industrial da Mirana Lotes 42-45
2910-738 Setúbal Portugal

T: +351 265 709 660
F: +351 265 709 665
sac.adubosdeiba@dfgrupo.com

www.adubosdeiba.com

Produção de forragens de inverno

A alimentação das vacas de leite depende muito de alimentos concentrados. As pastagens para este tipo de produção, praticamente não existem. Para fazer face aos elevados custos do concentrado e adaptando o mais possível à essência do animal em causa, opta-se por um sistema de produção intermédio. Produção de forragens de inverno.

Neste momento estamos a colher o milho forrageiro, armazená-lo e logo de seguida dá-se início às sementeiras das ferrãs. Estas, mesmo quando bem feitas, não oferecem quantidade e qualidade suficiente para alimentar adequadamente vacas em lactação. Rapidamente conseguimos evidenciar um desequilíbrio alimentar no desempenho animal ao longo do ano. Para suplementar estes desequilíbrios a nutrição impõe a suplementação, na grande maioria com silagem de milho e alimentos concentrados, elevando assim, sem alternativa o custo da produção do leite.

O que fazer então?

A resposta muitas vezes é a chave da rentabilidade das explorações. Normalmente as nossas forragens de inverno passam pela utilização de consociações de azevém anual (*Lolium multiflorum westerwold*) e aveia (*avena sativa*) são alternativas economicamente viáveis muito ensaiadas região. Estas na maioria dos casos produzem muita quantidade mas pouca qualidade honorando mais a suplementação.

Hoje o produtor tem no mercado ao seu dispor consociações de gramíneas e leguminosas (misturas biodiversas) adaptadas a cada tipo de solo e sistema de exploração, permitindo obter forragens com alto teor proteico, grandes quantidades de forragem, se estiver atento e seguir bem os serviços de meteorologia, grande quantidade de matéria seca e excelente digestibilidade deste tipo de alimento. Inferior custo na suplementação com concentrado. Muitas vezes tenho falado sobre este assunto, não me canso pois é uma das chaves da alimentação de um ruminante, a obtenção de boas forragens de inverno. Na escolha do milho forrageiro há uma preocupação muito grande com a performance de cada variedade e opta-se sempre por escolher dentro do melhor que o mercado nos oferece, nas forragens, normalmente o preço de custo a que é a variável mais discutida, tornando-se assim um dos erros mais cometidos.

Para um bom sistema de produção de leite, é fundamental combinar a cultura de um bom milho ou um bom sorgo, com um bom azevém alternativo ou uma boa consociação de gramíneas e leguminosas. Ambas são de ciclo curto e conseguem fazer-se muito

bem sem se prejudicar mutuamente.

As vantagens a este sistema de produção está associado, uma produção uniforme de leite ao longo de todo ano, uso racional de alimentos concentrados e quase sempre um uso equilibrado dos recursos que a terra nos dá.

Preparação do Solo:

Esta depende das condições em que se encontra o terreno e do grau de infestação e da cultura anterior. Como as forragens de inverno, sucedem normalmente ao milho, para obter uma boa cama é suficiente fazer uma gradagem superficial, seguida de sementeira.

Sementeira:

Faz-se normalmente nos meses de Setembro / Outubro, ou seja no início do outono, pois assim a implantação é mais rápida, permitindo vários cortes. Às vezes a desocupação da área da cultura anterior é mais tardia dificultando assim a sementeira. A densidade de sementeira recomendada é de 40 kg há. A sementeira deve ser feita por um semeador específico para pequenas sementes e em alternativa com um distribuidor centrífugo (distribuidor de adubo).

Adubação:

Como esta cultura se sucede ao milho e como referi, "a este nada lhe pode faltar" a adubação de fundo poucos agricultores a fazem no entanto se as análises de solo derem indicadores para se fazer uma fertilização não se deve evitar.

Os produtores de leite como sabemos têm grandes quantidades de fertilizante nas suas explorações, o chorume, e como boa prática, este deve ser utilizado na exploração fazendo assim funcionar a economia circular, utilizando um recurso da exploração. Esta fertilização orgânica é gerida por regras que devem ser sempre respeitadas a bem do ambiente e da biodiversidade. Esta, quando permitida, deve ser efectuada sempre após cada corte.

Estado ciente que tudo irá correr pelo melhor e com a ajuda do S. Pedro, espero boas sementeiras e melhores colheitas.

Fernando Taveira

Agricultura Regime contributivo dos trabalhadores independentes (Seg.Social)

Apuramento da base de incidência contributiva no Regime Simplificado

O Rendimento Relevante Mensal Médio (RRMM), sobre o qual incide a taxa de contribuição em cada trimestre, corresponde à média dos Rendimentos Relevantes do trimestre anterior. A taxa contributiva é calculada pela Segurança Social com base nos valores declarados. **(21,4% para os TI e respetivos cônjuges e 25,2% para os Empresários em nome individual (ENI) e respetivos cônjuges)** Há uma **contribuição mínima obrigatória de 20€** independentemente de o TI ter, ou não, rendimentos no trimestre anterior.

Apuramento da base de incidência contributiva no Regime de Contabilidade Organizada

Estes TI/ENI têm uma taxa contributiva de 25,2% e uma base de incidência mensal corresponde ao **duodécimo do lucro tributável**, com o limite mínimo de 1,5 vezes o valor do IAS.

Estão, igualmente, dispensados de fazer a declaração de rendimentos trimestral, uma vez que a sua base de incidência é fixada anualmente em outubro, para produzir efeitos no ano seguinte.

Pagamento das contribuições

O pagamento das contribuições é mensal e é realizado entre os dias **10 e 20 do mês seguinte àquele a que se refere**.

Estão isentos da obrigação contributiva todos aqueles que:

1-sejam trabalhadores por conta de outrem com remuneração média mensal igual ou superior ao IAS e RRMM apurado trimestralmente inferior a 4 vezes o IAS, resultante da atividade independente;

2-sejam pensionistas por invalidez ou velhice, legalmente acumuláveis com a atividade de TI;

3-sejam pensionistas por risco profissional, de que resultou uma incapacidade para o trabalho igual ou superior a 70%;

4-em janeiro de cada ano, se verificar que o pagamento de contribuições durante o ano anterior corresponde ao valor da contribuição mínima obrigatória de 20€

Fonte: Confagri

<https://www.confagri.pt>

Paula Vinhas, Vítor Tavares

Governo cria subcomissão específica para o sector do leite e produtos lácteos

Os Ministérios da Agricultura e da Economia e Transição Digital criaram subcomissão específica do setor do leite e produtos lácteos, no âmbito da Plataforma de Acompanhamento das Relações na Cadeia Agroalimentar (PARCA). Esta subcomissão tem como objetivo elaborar propostas de intervenção que resolvam os problemas do setor. Nesse sentido irá elaborar um relatório de diagnóstico, com a análise da atual situação, designadamente da estrutura de custos e de proveitos das diversas fases da cadeia (produção, indústria e retalho), assim como dos circuitos e fluxos de produtos. O relatório será apresentado à PARCA até ao final de 2021.

"Reconhecemos a importância do setor do leite para o desenvolvimento do país e, nesse sentido, temos implementado várias medidas de apoio, dentro do nosso quadro de atribuições e competências. A criação desta subcomissão reflete, uma vez mais, o empenho do Governo em criar condições que pretendem assegurar a sustentabilidade do setor", afirmou a Ministra da Agricultura, Maria do Céu Antunes. A subcomissão específica para o setor do leite e produtos lácteos será constituída por um representante das seguintes entidades: Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), que a preside e coordena; Direção-Geral das Atividades Económicas; Direção-Geral do Consumidor; Confederação dos Agricultores de Portugal; Confederação Nacional da Agricultura; Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas e do Crédito Agrícola de Portugal; Federação das Indústrias Portuguesas Agroalimentares; Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição; Federação Agrícola dos Açores e um Organismo ou serviço representante da Região Autónoma dos Açores, a designar no prazo de 10 dias úteis a contar da data da publicação.



O CANTINHO DA TI AURORA

Meus amigos, todos nós agricultores neste mês de setembro temos muito trabalho, por isso lembro algumas coisas importantes. Continuar a colheita do milho, feijão e batata. Fazendo ao mesmo tempo as nossas silagens, na Lua crescente de setembro é bom semear o centeio, cevada, as favas, tremoços e dormideiras, nas terras quentes; porque nas frias é melhor que já neste tempo estejam semeadas. Neste crescente é muito bom tempo para semear linhos, que se não regam. No minguante deste mês é natural tempo para vindimar e para colher as uvas para pendurar. É bom lavar e cavar, e estercar as terras para hortaliça. Se neste mês se ouvirem os primeiros trovões do ano, denotam ser o princípio do ano seco, e no fim húmido, abundância de pão.

Mas para terem força para tão grande azafama devem comer bem, por isso cá vai mais uma das minhas receitas. Uma deliciosa receita que remonta às sabedorias familiares da minha avó. Desta vez um bom prato de bacalhau areado que vos vai surpreender!



BACALHAU AREADO

INGREDIENTES

- 4 postas de bacalhau
- 1 litro de leite gordo
- 200 ml azeite
- 50 gr alhos descascados e laminados
- 300 gr cebola às rodelas finas
- Pão ralado q.b.
- Pimenta branca q.b.

PREPARAÇÃO

Colocar num tabuleiro de ir ao forno as cebolas às rodelas e os alhos laminados.

Passar as postas do bacalhau por pão ralado e colocam-se em cima das cebolas e dos alhos.

Polvilhar com pimenta branca. Regar com o azeite e o leite até ficar coberto (dependendo do volume do preparado por vezes não é necessário inserir o litro de leite na totalidade).

Pré aquecer o forno a 180°, confeccionar durante 01:30 horas.

Ir vigiando para não deixar tostar demasiado.

Bom Appetite!

Jacinta Gil

DICA ACOMPANHAMENTO

Para a acompanhamento pode-se utilizar batatas fritas aos cubos ou puré de batata e salada.

Pode também se preferir acompanhar com legumes cozidos e batata doce cozida.

Bem e como ainda agora vindimámos vão à adega buscar a melhor garrafa de vinho tinto, do ano passado, para bem regar este manjar dos deuses.

VITO

AGRO

NOVA GAMA DE MOTOSSERRAS MAGNUM



vito-tools.com



terra terra

LOJAS AGRO-RURAIS

CANTANHEDE | MIRA | SOURE | VILA NOVA DE PAIVA



www.lacticoop.pt

 LACTICOOP

O SEU PARCEIRO em
AGRICULTURA e PECUÁRIA